

Os Paradoxos do Olhar: Encontros entre Humanos e Animais na Literatura

Keily Martins Francisco¹
Heloísa Helena Siqueira Correia²

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar aspectos do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), de Mia Couto, e o conto "O búfalo", de Clarice Lispector, tendo como foco a troca de olhares entre humanos e animais e o que essa experiência causa/desperta nas personagens humanas. Procederemos a uma análise ancorada principalmente em Jacques Derrida que, na obra *O animal que logo sou* (2002), relata a experiência de ter se surpreendido por seu gato o observando nu. Diante do olhar animal, o filósofo questiona a si mesmo e confessa sentir vergonha. No mesmo sentido, as personagens de Couto e Lispector vivenciam encontros intensos com a animalidade. A partir da leitura de Derrida questiona-se: o que essa experiência causa nas personagens? A reflexão que se desenvolve relaciona-se com as teorias da narrativa, particularmente lançando mão das contribuições dos textos *O ponto de vista na ficção* (2002), de Norman Friedman, e *A ascensão do romance* (1990), de Ian Watt. Dialoga-se, ainda, com considerações teóricas específicas de pesquisas sobre a presença animal na literatura, em particular com o trabalho de Maria Esther Maciel (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Animal; Olhar; Literatura; Mia Couto; Clarice Lispector; Jacques Derrida.

INTRODUÇÃO

Partimos da evidência de que os animais habitam a água, a terra e o ar e partilham conosco o planeta e seus recursos, estabelecendo com os humanos os mais diversos tipos de relações e despertando em nós o que há de melhor e pior. Além disso, é notória a existência de pessoas defensoras da causa dos animais, as quais constroem abrigos, cuidam dos abandonados, investem dinheiro neles, revelam sua solidariedade e respeito com a vida por meio de cuidados e tempo destinados aos animais. Por outro lado, há os que machucam, maltratam e abandonam os animais, deixando-os desamparados, chegando até os extremos da tortura de animais por diversão. Por toda essa relação com o humano, os animais são investigados há bastante tempo pelas diversas áreas do saber e, assim como as ciências e a religião, a literatura também investiga os animais em suas distintas representações, seja em prosa ou verso, em uma tentativa de compreendê-los ou de subjugar-los.

Jacques Derrida, na obra *O animal que logo sou* (2002), afirma ter se surpreendido ao ver seu gato observando-o nu e admitiu sentir vergonha disso. Tomando o texto do pensador francês por base, selecionamos duas obras, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), de Mia Couto, e o conto "O búfalo" presente em *Laços de família* (1998) de Clarice Lispector, obras que têm em comum a troca de olhares entre humanos e animais. A partir da leitura destes textos, levantamos os seguintes questionamentos: o que essa troca de olhares desperta no ser humano? Como esses textos retratam o animal? Ele é sujeito ou objeto? O que essas representações despertam em seus leitores?

Objetivando responder a nossos questionamentos, partimos da hipótese de que existem duas formas de o animal aparecer na literatura: enquanto sujeito e como objeto (duplicidade consoante à assumida por Maria Esther Maciel, 2011) O animal que é visto, mas não vê, manifesta-se enquanto objeto; entretanto, aquele que sustenta a troca de olhares ganha o *status* de sujeito. Desse modo, pretendemos verificar de qual dessas formas participa o animal nas narrativas selecionadas.

Este trabalho surgiu a partir de nosso estudo da presença de animais na literatura em atividades do Grupo de Pesquisa em Estudos Literários da UNIR, e uma série de discussões acerca desse outro

¹ Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Rondônia. Bolsa CNPq/PIBIC-UNIR. E-mail: kmf17@hotmail.com

² Docente do Departamento de Línguas Vernáculas e Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia.

que nos é tão diferente. A possibilidade deste estudo efetivou-se uma vez que a literatura não tem uma finalidade prática, não busca descobrir uma verdade universal ou pregar uma forma certa de viver, mas nos permite pensar, conhecer e vivenciar os mais diversos tipos de experiências. Por meio da literatura somos convidados a pensar sobre nós mesmos e sobre tudo o que nos rodeia, inclusive o outro humano e animal, bem como as relações existentes entre eles.

Levando em consideração que “os olhos são as janelas da alma”, pensamos sobre como se dá a experiência da troca de olhares entre humanos e animais na literatura e o que isso causa em nós. A partir da leitura literária atenta podemos, ainda, aprender a respeitar esse outro que nos parece tão enigmático.

1.A LITERATURA, O FILÓSOFO E OS ANIMAIS

1.1 Literatura e outridade

A literatura é “um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais” (ABREU, 2006, p. 41); ela nos permite pensar e analisar o mundo que nos cerca, refletindo sobre nós mesmos e o outro, conforme afirma Todorov, em *A literatura em perigo* (2009): “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76).

Diante disto, questionamos: se a literatura pode nos aproximar dos outros seres humanos não teria também o poder de nos aproximar dos animais? Fazer-nos questionar sobre discursos e opiniões pré-estabelecidos? Qual seria o nível de poder da literatura no tocante a essas questões? Para refletir sobre essas problemáticas, escolhemos a área de pesquisas denominada *Estudos Literários* no que diz respeito, principalmente, às pesquisas sobre a presença animal na literatura, com o intuito de analisar como a questão animal aparece nas obras escolhidas.

Os animais sempre despertaram a curiosidade e o fascínio do ser humano: o que nos aproxima? O que nos afasta? Segundo Maria Ester Maciel: “Os animais, sob o olhar humano, são signos vivos daquilo que sempre escapa a nossa compreensão. Radicalmente outros, mas também nossos semelhantes, distantes e próximos de nós, eles nos fascinam ao mesmo tempo que nos assombram e desafiam nossa razão (MACIEL, 2011, p. 85).

Os animais não humanos foram inferiorizados pela filosofia ocidental, segundo a qual o humano possui razão e o animal não, foram demonizados pelo cristianismo na Idade Média, para o qual a parte animal do homem é perigosa e portadora de todos os males, e na era moderna, por sua vez, com o triunfo do pensamento cartesiano, são considerados máquinas sem alma (MACIEL, 2011, p. 85-86).

Em resumo, o humano sempre pensou/discutiu a questão animal para mostrar sua superioridade com relação a ele. Assim como a filosofia, a religião e as ciências, a literatura também sempre buscou retratar o animal, seja pela prosa ou pelo verso. Nas palavras de Maciel:

No que tange à literatura [...] pode-se afirmar que as tentativas de sondagem da outridade animal nunca deixaram de instigar a imaginação e a escrita de poetas e escritores de diferentes épocas e procedências, seja pela investigação das complexas relações entre humano e não humano, entre humanidade e animalidade (MACIEL, 2011, p. 85).

É possível observar a presença dos animais em diversas obras de autores brasileiros e estrangeiros, isso porque os animais sempre despertaram a curiosidade e o fascínio do humano: escrever sobre o que não se conhece ou não se consegue compreender parece um desafio a diversos escritores, mesmo que seja para antropomorfizar ou subjugar, o humano escreve sobre o animal numa tentativa de compreendê-lo.

A questão animal está presente em variados momentos da obra do moçambicano Mia Couto, sendo possível, em seus contos e romances, observar a presença da animalidade. Dentre os contos da coletânea *O fio das missangas* (2009), destacam-se as narrativas “O peixe e o homem” e “O dono do cão do homem”, os quais apresentam uma relação invertida entre humano e animal. Questões como a dominação e o estranhamento do animal pelo humano perpassam as narrativas; já na obra *Contos do nascer da terra* (2014), a estranha gestação de um tucano por uma mulher é tema da narrativa do conto “O último voo do tucano”, tema esse que espanta o leitor.

Já em seus romances, Couto sempre destaca a presença de uma personagem animal: por exemplo, em *Jerusalém*, publicado no Brasil com o nome *Antes de nascer o mundo* (2009) observa-se a presença marcante da jumenta Jezibela, única personagem feminina de Jerusalém. Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), um burro enigmático habita a igreja de Luar-do-Chão, destacando-se na narrativa e trazendo uma série de reflexões para o leitor da obra. Essa passagem será analisada adiante.

A ficção de Clarice Lispector também é povoada por animais, do início ao fim, conforme pontuam Evely Vânia Libanori e Maiara Usai Jardim no artigo “Ética animal em Clarice Lispector” (2015):

O conjunto da obra de Clarice mostra que o animal não humano sempre esteve em cena, desde o seu livro de estreia, *Perto do coração selvagem*, em 1944, até *Um sopro de vida*, em 1977. Os animais ou bichos, palavra bastante usada nos textos, são considerados em sua própria identidade. As personagens [humanas] pensam quem são a partir do contato com o animal (LIBANORI & JARDIM, 2015, p. 190).

Dentre as obras de Lispector, destacamos a presença animal no romance *A paixão segundo G.H.* (2009), narrativa que transcorre evidenciando o encontro entre uma mulher e uma barata e o que este encontro provocam na personagem humana; segundo ela: “fico tão assustada quando percebo que durante horas perdi minha formação humana. Não sei se terei uma outra para substituir a perdida” (LISPECTOR, 2009, p.12).

Em diversas outras obras de Lispector é possível verificar a presença do animal não humano. Para a análise neste texto selecionamos o conto “O búfalo” presente na coletânea *Laços de Família* (1998). A narrativa conta a angústia de uma mulher que vai até o jardim zoológico em busca de ódio, “[...] olhou em torno de si, rodeada pelas jaulas, enjaulada pelas jaulas fechadas” (LISPECTOR, 1998, p. 182). A personagem passa pela jaula dos leões e o que encontra é uma cena de afeto, passa pela girafa e diversos outros animais, mas tudo parece estar exalando amor, ao contrário do que considerava que precisava: o ódio. Onde encontraria o sentimento que exprimisse tudo o que estava passando? Ela encontra o que deseja? O que a troca de olhares provoca naquela mulher? Tais questões serão pontuadas ao longo desse artigo.

O texto teórico no qual nos baseamos para essa análise é *O animal que logo sou* (2002), de Jacques Derrida, no qual o autor revela a experiência que viveu ao ser surpreendido por seu gato observando-o nu e como se sentiu com relação a isso. O que esse olhar despertou em Derrida? O que ele despertou nas personagens das obras selecionadas? Quem nunca se surpreendeu ao ser olhado por um animal? O que sentimos com esse olhar? Questões como essas instigaram o presente estudo.

1.2 Jacques Derrida e os paradoxos do olhar animal: o Outro me olha?

O livro *O animal que logo sou* (2002) é o resultado da aula proferida por Jacques Derrida no verão de 1997, no terceiro colóquio de Cerisy. Na apresentação do texto, o tradutor Fábio Landa alerta:

A força mito-poética do que o leitor está prestes a ler não há de escapar à sensibilidade de uma leitura atenta. Da crueldade à nudez, da loucura à nomenclatura, da negação à teimosia do idiota que interroga incessantemente o que todos parecem convir não considerar, este trabalho parece ter a vocação de um texto fundador (LANDA /n DERRIDA, 2002, p. 8).

Derrida argumenta sobre a possibilidade de há muito tempo o animal nos olhar; segundo ele: “há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha? /Que animal? O outro.” (DERRIDA, 2002, p. 15), partindo dessa possibilidade, o filósofo considera:

Frequentemente me pergunto, para ver, *quem sou eu* - e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo. Por que essa dificuldade? (DERRIDA, 2002, p. 15).

Quem é o humano nesse momento? O que esse olhar provoca em quem o vivencia? O filósofo argumenta sentir vergonha da exposição de seu sexo, de sua nudez, e começa a questionar sobre coisas que são próprias do animal humano, uma delas seria, justamente, a nudez, o animal, diferente do humano, nunca *está* nu porque ele *é* nu. Diante de tantos paradoxos, Derrida argumenta que sente vergonha de estar sentindo vergonha: “vergonha de quê, e diante de quem? Vergonha de estar nu como um animal” (DERRIDA, 2002, p. 17). Essa nudez não é apenas literal, mas envolve também uma série de conceitos pré-estabelecidos: ele se sentia despido de tudo o que o humano construiu para se mostrar superior aos outros animais.

Levando em consideração que o olhar animal provoca vergonha em Derrida, questionamos: o que esse olhar provoca nas personagens da obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) de Mia Couto e “O búfalo” de Clarice Lispector?

2. ENCONTROS ENTRE HUMANOS E ANIMAIS NA LITERATURA

2.1 Mia Couto: Marianinho e o burro

As culturas e literaturas africanas sempre foram muito marginalizadas no Brasil e em todo o mundo, conforme argumenta Carmen Lucia Tindó Secco (2008), quando se pensa em África: “Duas imagens costumam surgir com frequência: a da Mãe - África idealizada pelos lugares-comuns de uma mítica “africanidade imaginada”, configurada por sons de tambores, danças sensuais, avós contadoras de histórias; e a da África dizimada por doenças, misérias e guerras (SECCO, 2008, p. 24).

A imagem do continente tornou-se homogênea e estereotipada, como se houvesse *uma* única África e as culturas, histórias e literaturas não variassem de um país para outro. Entretanto, quando se entra em contato com essas culturas e literaturas, é possível verificar que as mesmas são riquíssimas, as obras africanas contemplam as mais diversas temáticas e uma das suas grandes vozes contemporâneas é Mia Couto.

António Emílio Leite Couto (Beira- Moçambique, 1955) é formado em biologia e filho de portugueses; o moçambicano tem obras traduzidas para diversas línguas, grande parte delas encontradas no Brasil. Autor de uma prosa poética que, segundo o próprio autor, recebeu influência do escritor angolano Luandino Vieira e do brasileiro João Guimarães Rosa, sua obra contempla

desde livros e histórias infantis até poesias, contos e romances sobre o cotidiano mágico de Moçambique.

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra (2003) é uma obra narrada em primeira pessoa por seu personagem-protagonista Marianinho, que vivencia a experiência de retornar à terra natal após anos vivendo na cidade. Segundo Norman Friedman (2002), tal narrador (protagonista) “[...] se encontra centralmente envolvido na ação. [...] E (a narrativa é) quase que inteiramente limitada a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções” (FRIEDMAN, 2002, p. 177), o que apresenta vantagens e desvantagens para a narrativa: por ser em primeira pessoa, o narrador parece mais próximo do leitor, o que sugere que os fatos narrados sejam mais confiáveis; por outro lado, a narrativa se torna limitada a um único ponto de vista.

Marianinho é o narrador de um romance e isto nos leva imediatamente para a questão do gênero textual. Ian Watt, em seu livro *A ascensão do romance* (1990), dedica um dos capítulos à busca por alguma característica capaz de distinguir essa forma literária das demais e ao mesmo tempo preservar as particularidades de cada autor, segundo ele: “[O critério] fundamental [do romance é] a fidelidade à experiência individual – a qual é sempre única e, portanto, nova. Assim, o romance é o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade” (WATT, 1990, p. 15).

Segundo Watt, uma das grandes características do romance, e o que o diferencia de outros gêneros narrativos, é a fidelidade à experiência individual: no romance o autor não precisava mais trazer temas e relatos de um povo e nem escrever sobre suas divindades. Na narrativa em análise é apresentada a experiência individual de Marianinho ao regressar à ilha na qual nascera, tal como suas sensações e impressões desse retorno.

Esse regresso desperta uma diversidade de sentimentos em Marianinho, que oscila entre a cidade e a ilha na qual crescera. Ele regressa à terra natal para realizar as cerimônias fúnebres de seu avô Dito Mariano, e percebe que muitas coisas haviam mudado naquele lugar. O episódio que será analisado nesse artigo é o que apresenta um burro que habita a igreja católica do lugar, fato que assusta o narrador e causa estranhamento no leitor. A experiência desse encontro entre humano e animal, e o que esse encontro provoca em Marianinho, é o que se destaca na passagem.

Diversos acontecimentos surpreendem o leitor na obra, mas o encontro entre o narrador e um burro dentro da igreja católica da ilha é especialmente inquietante. Tudo começa com uma visita à igreja católica da ilha. Dulcineusa, avó de Marianinho e viúva de Dito Mariano, deseja que o padre faça uma segunda unção do corpo do falecido para que ele pudesse atravessar a fronteira da vida para a morte em paz, Marianinho a acompanha e, em determinado momento, ele observa algo estranho. Segue o trecho:

Um cheiro estranho me invade o peito.
Um eflúvio de bicho, tenho quase receio em reconhecer.
- Não vos cheira a animal?³
A Avó não permite a resposta (COUTO, 2003, p. 88-89).

Dulcineusa e o padre continuam a conversar normalmente, o que sugere que aquele cheiro já não causa nenhum estranhamento naquelas personagens, mas Marianinho não consegue se conformar com aquela situação. Em seguida, transcorre o encontro:

Nos retiramos quando, de supetão, dou de caras com um burro. Salto, de susto, ante o inesperado da visão. O que fazia uma alimária no recinto sagrado das almas? Estava explicada a origem do cheiro que ainda há pouco senti. O padre desafia-me:

³ Em seus contos e romances, Mia Couto grifa sempre os diálogos com uma fonte destacada, não só para distingui-los no corpo do texto, mas também para dar relevo à palavra falada – afinal, é no mundo da oralidade que Mia Couto recolhe as tradições africanas que deseja ver preservadas (SILVA, 2008, p. 315).

- *Dou-lhe um prémio se o conseguir tirara daqui* (COUTO, 2003, p. 89, grifo nosso).

O que fazia um animal naquele lugar? Essa é uma questão que passa pela cabeça do narrador ao observar que “o burro me contempla com seus olhos de água empoçada. Havia tal quietude naquele olhar que fiquei em dúvida se a igreja seria, afinal, sua natural moradia” (COUTO, 2003, p. 89). O animal apresentava tamanha quietude e calma que Marianinho supôs ser aquela sua moradia natural.

Segundo Mircea Eliade, “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras” (ELIADE, 1992, p. 25). Logo, para o homem religioso “há um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos” (ELIADE, 1992, p.25).

No romance em análise encontra-se esse homem religioso e essa divisão de espaços: a igreja é um espaço sagrado e o resto do mundo não, mas o que faz um burro nesse espaço sagrado? Como ele se instalara ali? Como a maioria das personagens consegue ver aquilo como algo natural?

Marianinho não consegue se conformar com aquela situação. Mas, afinal, por que a presença de um animal dentro da igreja causa tanto estranhamento no narrador e até mesmo no próprio leitor da obra? Segundo Benedito Nunes

Com o animal, as relações são, sobretudo, transversais, ou seja, o animal é considerado o oposto do homem, mas ao mesmo tempo uma espécie de simbolização do próprio homem. Na acepção comum, simboliza o que o homem teria de mais baixo, de mais instintivo, de mais rústico ou rude em sua existência (NUNES, 2011, p. 13).

De acordo com tal acepção, seria possível constatar que, na visão do humano, o animal não é digno de estar em um espaço sagrado. Entretanto, aquele animal estava ali e apenas Marianinho se espantava com aquilo, Dulcineusa e o próprio padre da igreja não demonstravam o menor espanto diante daquela situação.

O padre ignora a curiosidade de Marianinho e apenas afirma “- *a tua avó te explica depois, os motivos da presença desse burro*” (COUTO, 2003, p. 90) e se despede do narrador e Dulcineusa. Avó e neto vão para casa e, após uma curta conversa, se recolhem cada qual para seu quarto, mas a presença do burro na igreja intriga tanto o narrador a ponto dele sonhar com o animal. Nas palavras do narrador:

[...] De noite, o bicho tinha espreitado o meu sonho. Não fora um pesadelo. Olhar de burro está sempre acolchoado de um veludo afectuoso. Mas aqueles olhos eram mais do que isso. Possuíam humaníssima expressão e me convidavam para travessias que me inquietavam, bem para além da última curva do rio (COUTO, 2003, p. 95).

Aquele animal despertava muita curiosidade e até certa inquietude no narrador: ele revela que o olhar do animal o havia causado estranhamento, pois os mesmos possuíam “humaníssima expressão”.

2.2 Clarice Lispector: a mulher de casaco marrom e o búfalo

Maria Esther Maciel, em *Literatura e animalidade* (2016), elenca Graciliano Ramos, João Alphonsus e Clarice Lispector como os escritores que, a partir da terceira década do século 20, se dedicaram à tarefa de “escrever o animal” na literatura brasileira. Segundo a pesquisadora, cada um deles buscou,

à sua maneira, formas inventivas de capturar a outridade animal (MACIEL, 2016, p. 82), segundo Maciel: “Todos eles [...] souberam criar animais-personagens de grande densidade e autonomia enquanto sujeitos sensíveis e complexos, tendo abordado a relação humana com os animais como também um exercício de aprendizagem” (MACIEL, 2016, p. 83).

A coletânea de contos *Laços de família* (1998), de Clarice Lispector, apresenta diversas narrativas nas quais o animal se destaca; o conto “Uma galinha”, por exemplo, relata a tentativa de fuga de uma ave que estava destinada a terminar na panela de um almoço de domingo. No momento da narrativa, portanto, ela estava “[...] ainda viva porque não passava de nove horas da manhã” (LISPECTOR, 1998, p. 41); diante do inevitável, a ave levanta voo e pousa no terraço do vizinho onde o dono da casa pretende pegá-la. Inusitadamente, diante da angústia que vivia, a galinha bota um ovo, segundo a narradora: “sozinha no mundo, **sem pai nem mãe**, ela corria, arfava, muda, concentrada” (LISPECTOR, 1998, p. 42, grifos nossos).

É possível observar que, no conto, aquela ave tem sentimentos, está sozinha, sem pai nem mãe; entretanto, a maioria das pessoas quando vê uma galinha só pensa no almoço ou jantar. Logo, as narrativas de Lispector abrem os olhos do leitor para pensar questões incomuns, como: uma galinha sente medo? Solidão? Ela pressente e foge da morte? Segundo Libanori e Jardim (2015):

As narrativas de Clarice Lispector pensam a condição do animal não humano em nossa cultura. As personagens fazem do animal o tema de suas reflexões, no sentido de que se importam verdadeiramente com ele. Elas questionam se é certo matar animais para comer (LIBANORI & JARDIM, 2015, p. 197).

Após a ave botar um ovo, a filha do dono da casa e sua esposa pedem para que o homem não mate o animal e ela passa a ser tratada muito bem naquela casa. Entretanto, a galinha sempre pensava naquele momento de fuga e cogitava a possibilidade de alçar voo novamente, o que não acontece. Ao contrário, a narrativa tem um desfecho um tanto surpreendente: “até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos” (LISPECTOR, 1998, p.45). O que nos faz perceber que o momento de respeito ao animal não humano dura pouco tempo e logo tudo volta ao normal, almoço de domingo com a galinha em seu devido lugar: a panela. Tal narrativa nos chamou a atenção por relatar com grande sensibilidade a vida de uma ave que o humano já estabeleceu como alimento.

O conto “O búfalo”, por sua vez, apresenta outras nuances acerca da questão. A mulher do casaco marrom, personagem principal do conto, encontrava-se desesperada e, de modo intrigante, no jardim zoológico, busca entre os animais um olhar que lhe ajudasse a adoecer. Nessa busca incessante pelo ódio que sentia por um homem cujo único erro era não amá-la, ela encontra diversos animais: um leão e uma leoa que haviam se amado, uma girafa, um hipopótamo e alguns macacos; esses últimos animais despertam diferentes sensações naquela mulher:

Mas era primavera, e, apertando o punho no bolso do casaco, **ela mataria aqueles macacos em levitação pela jaula**, macacos felizes como ervas, macacos se entrepulando suaves, a macaca com olhar resignado de amor, e a outra macaca dando de mamar. **Ela os mataria com quinze secas balas: os dentes da mulher se apertaram até o maxilar doer.** (LISPECTOR, 1998, p. 183, grifos nossos)

Qual o tamanho do ódio que aquela mulher sentia? Seria tão grande ao ponto de matar aqueles macacos simplesmente por estarem ali? É possível observar que seu ódio sai de dentro para fora e os animais ao seu redor se tornam alvo desse sentimento, Benedito Nunes ao retomar as reflexões de Peter Singer sobre a maldade do ser humano, afirma “os humanos matam outros animais por esporte, para satisfazer a sua curiosidade, para embelezar o corpo e para agradar o paladar” (SINGER *In* NUNES, 2011, p. 17). Outro animal não mata por esses motivos, apenas o humano possui isso dentro de si, logo, por que os classificam como selvagens?

Há um fator que chama a atenção daquela mulher para os macacos, e esse fator é a nudez: “a nudez dos macacos. O mundo que não via perigo em ser nu. Ela mataria a nudez dos macacos. Um macaco também a olhou segurando as grades, os braços descarnados abertos em crucifixo, o peito pelado exposto sem orgulho.” (LISPECTOR, 1998, p. 183). O que nos remete ao texto de Derrida (2002): os animais não *estão* nus, eles o *são* e, conforme a personagem, o mundo não via perigo em ser nu, apenas o humano assim vê. A personagem expõe seus sentimentos até que algo parece mudar o curso de tudo aquilo:

Mas não era no peito que ela mataria, era entre os olhos do macaco que ela mataria, era entre aqueles olhos que a olhavam sem pestanejar. De repente a mulher desviou o rosto: é que os olhos do macaco tinham um véu branco gelatinoso cobrindo a pupila, nos olhos a doçura da doença, era um macaco velho — a mulher desviou o rosto, trancando entre os dentes um sentimento que ela não viera buscar, apressou os passos, ainda voltou a cabeça espantada para o macaco de braços abertos: ele continuava a olhar para a frente. “Oh não, não isso”, pensou (LISPECTOR, 1998, p. 183-4, grifos nossos).

Que sentimento aquele macaco doente despertara nela? Seria ternura, pena, medo? Seja o que for, ela foge, já que não era o ódio que buscava. Sua busca é incessante, anda pelo jardim zoológico, encontra mães e crianças, um elefante, um camelo e essas personagens exalam paciência e amor, nada do que buscava naquele lugar. Ela caminha e encontra um quati enjaulado e, segundo ela, este parecia uma criança curiosa a observando; a mulher desvia daquele olhar, pois parecia que era ela que estava enjaulada e não aquele pequeno animal.

A personagem segue desesperada e se pergunta: “mas onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ler o próprio ódio? O ódio que lhe pertencia por direito, mas que em dor ela não alcançava? Onde aprender a odiar para não morrer de amor? E com quem?” (LISPECTOR, 1998, p. 189). Após tantas tentativas frustradas, ela parece encontrar o que buscava:

E no silêncio do cercado, os passos vagarosos, a poeira seca, sob os cascos secos. De longe, no seu calmo passeio, o búfalo negro olhou-a um instante. No instante seguinte, a mulher de novo viu apenas o duro músculo do corpo. Talvez não a tivesse olhado. Não podia saber, porque das trevas da cabeça ela só distinguia os contornos. Mas de novo ele pareceu tê-la visto ou sentido (LISPECTOR, 1998, p. 192).

Diversas vezes o búfalo parece notar a presença da mulher e o contato entre eles acontece, primeiramente, através do olhar, ao que ela recua, mas o animal novamente nota sua presença, e esse encontro parece proporcionar aquilo que a mulher tanto procurava; nas palavras da narradora: “uma coisa branca espalhara-se dentro dela, branca como papel, fraca como papel, intensa como uma brancura. A morte zumbia nos seus ouvidos” (LISPECTOR, 1998, p. 193). Ela o provoca, mas o búfalo permanece imóvel, ela novamente o provoca e com isso “[...] de dentro dela escorria enfim um primeiro fio de sangue negro.” (LISPECTOR, 1998, p. 194). Sua busca estava se findando:

O primeiro instante foi de dor. Como se para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo. Ficou parada, ouvindo pingar como numa gruta aquele primeiro óleo amargo, a fêmea desprezada. [...] Então o búfalo voltou-se para ela. O búfalo voltou-se, imobilizou-se, e à distância encarou-a. Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impune era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo. (LISPECTOR, 1998, p. 195).

A personagem transporta para aquele animal seus sentimentos, do amor que sentia pelo homem que não a amava até o ódio que precisava sentir por ele, para assim não morrer de amor. Em seguida, o búfalo novamente se move: “devagar ele se aproximava. Ela não recuou um só passo. Até que ele chegou às grades e ali parou. Lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos.” (LISPECTOR, 1998, p. 195). Aquele olhar a surpreende, ela, que buscava adoecer e aprender a odiar, agora estava ali olhando os olhos do

búfalo que a olhavam com ódio e tranquilidade; teria encontrado o que buscava? Como é possível, se não definir, ao menos descrever o olhar do animal?

Segundo Benedito Nunes: “[...] o animal vê os homens com aquele olhar não humano [...] e esse olhar] tem conexão com os sentimentos mais violentos do homem” (NUNES, 2011, p. 14-5); o desejo de matar, de odiar, todos os sentimentos que aquela mulher carrega consigo são confrontados pelo olhar animal. Este foi tão forte, tão intenso, que esgotou todas as forças da personagem, ela “[...] escorregava enfeitiçada ao longo das grades. Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio [...] viu o céu inteiro e um búfalo.” (LISPECTOR, 1998, p. 196). Sua sede acabara, a intensidade daquele olhar animal finalmente acalma a personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A troca de olhares com o outro é hábito comum do ser humano: com o olhar sorrimos, desdenhamos, esnobamos, paqueramos, existem aquelas pessoas que conseguem manter um profundo diálogo apenas com o olhar, afinal os olhos falam. Mas o que nos diz os olhares animais?

Derrida pergunta a si mesmo: “[...] Há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha? [ao que ele acrescenta] Que animal nos olha? O outro” (DERRIDA, 2002, p. 15). Esse olhar desperta medo, angústia, ternura, vergonha. Os textos selecionados para essa análise apresentam dois encontros entre humanos e animais, ambos ancorados na troca de olhares. Os locais, as personagens e as sensações são distintas, mas sejam essas personagens não humanas, sujeitos ou objetos, uma coisa podemos afirmar: ambas sustentam o olhar.

O encontro entre Marianinho e o burro de Luar-do-Cão acontece dentro da igreja católica da ilha, local esse habitado pela personagem não humana, embora o protagonista argumente que o olhar do burro possuía humaníssima expressão. Logo, ele encontra naquele animal algo que o aproxima do humano, isso lhe causa ternura e ele acaba se sentindo próximo ao animal que tanto espanto lhe causara por habitar o recinto sagrado.

O encontro entre a protagonista do conto de Lispector e o búfalo acontece em um jardim zoológico: após encontrar os mais diversos animais nas mais diversas situações, ela finalmente se vê frente a frente com aquele que lhe dá aquilo que tanto buscava. O olhar do búfalo não era humano como o do burro enigmático da igreja de Luar-do-Chão; o olhar animal conecta-se com a personagem humana e com o que ela tem de mais violento: aquela sede por ódio e por adoecer. O olhar em questão, diferente do olhar presente no texto de Couto, não é humano, trata-se de um olhar que o humano não consegue decifrar ou interpretar.

A questão que não cessa de se colocar ainda é sobre as relações entre o eu, animal humano e o outro, animal não humano. A pergunta sobre o que o homem encontra quando olha para o outro permanece. Maciel (2011) alerta que as formas de recuperar o elo intrínseco entre o ser humano e o não humano que se manifestam na literatura são “um tanto variadas, obviamente, que vão do esforço figurativo (mais comum à narrativa) ao gesto de apreensão, pela linguagem, de uma possível subjetividade animal, tarefa atribuída, sobretudo, à poesia” (MACIEL, 2011, p. 87).

Diante do exposto, podemos afirmar que entre as formas possíveis sob as quais podemos encontrar os animais na literatura, há aquela que os toma como representações do humano, e outra, que os elege como sujeitos. Nesse sentido, como podemos descrever o tratamento dado aos animais nas narrativas analisadas? Tanto o burro, personagem de Mia Couto, quanto o búfalo, personagem da obra de Lispector, sustentam os olhares que dirigem às personagens humanas e ambos os animais ao sustentarem o olhar abrem possibilidades outras de leitura do humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Contos do nascer da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. In: *REVISTA USP*, São Paulo, nº 53, p. 166-182, março/maio 2002.

LIBANORI, E.V. JARDIM, M.U. Ética animal em Clarice Lispector. In: BRAGA, E. F. LIBANORI, E.V. DIOGO, R. C. M. (Org.). *Representação animal na literatura*. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2015. p. 190-206.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 85-101.

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther. *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 13-22.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. Luandino Vieira e Mia Couto: intertextualidade. In: _____ *A magia das letras africanas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SILVA, Ana Cláudia da. A escrita pós-moderna de Mia Couto. In: *ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, São Paulo, 37 (3): 309-316, set.-dez. 2008.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WATT, Ian. O realismo e a forma romance. In: _____ *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 11-33.